

Um percurso pela tratadística do padre Alexandre de Gusmão (SJ, 1629-1724)

A tour of Alexandre de Gusmão's treatises (SJ, 1629-1724)

Isabel Scremin da Silva¹

Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil
isabelscremin@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3322-5666>
<http://lattes.cnpq.br/5509984832000463>

¹Este artigo é resultado da dissertação, intitulada: *As voltas do compasso: um estudo retórico da obra espiritual de Alexandre de Gusmão* (SILVA, 2023), pesquisa também financiada pela CAPES.

Resumo: Este artigo propõe um resgate da obra impressa de Alexandre de Gusmão, considerando-o não só como fundador do Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia, mas também como jesuíta letrado de seu tempo. Responsável por diferentes escritos espirituais voltados a um amplo auditório aquém e além-mar, Gusmão classificou seis de seus impressos enquanto tratados, a saber: *Escola de Bethlem* (1678); *Arte de crear bem os Filhos* (1685); *Rosa de Nazareth* (1715); *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720); *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* (1734); *Arvore da Vida, Jesus Crucificado* (1734). Com o fito de identificarmos diálogos de Gusmão com autoridades antigas ou coevas, serão destacados aspectos de invenção, disposição e elocução, com destaque à variedade que um mesmo gênero, o tratado, assume nas diferentes espécies da produção gusmaniana.

Palavras-chave: Séculos XVII e XVIII; América Portuguesa; Companhia de Jesus.

Abstract: This article aims at rescuing Alexandre de Gusmão's written books from oblivion, since he was not only responsible for the foundation of a Seminar in Belém da Cachoeira (Bahia), but he was also a literate Jesuit. Gusmão wrote different spiritual works directed to a broad audience on both sides of the sea. Six of them were classified by him as treatises, namely: *Escola de Bethlem* (1678); *Arte de crear bem os Filhos* (1685); *Rosa de Nazareth* (1715); *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720); *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* (1734); *Arvore da Vida, Jesus Crucificado* (1734). In order to investigate dialogues among Gusmão and authorities that were ancient or contemporary to him, aspects from his invention, disposition and elocution are going to be highlighted here. Also, Gusmão's treatises are going to demonstrate how a same genre could present various species during the 17th and the 18th centuries.

Keywords: The 17th and 18th centuries; Portuguese America; the Society of Jesus

Alexandre de Gusmão, jesuíta e letrado

Em 1734, estampa-se em Lisboa, por iniciativa do pe. Martinho Borges, Procurador Geral da Província do Brasil, um livro in-4º intitulado *Árvore da Vida, Jesus Crucificado*. Trata-se de uma impressão póstuma à morte de seu autor, o jesuíta Alexandre de Gusmão. No opúsculo, consta um prólogo anônimo que afirma ter sido Gusmão conhecido por seus “livros assim Moraes, como Asceticos” e “pelo heroico de suas virtudes”. Promete-se, ainda, vir à estampa uma vida sua, que traria por escrito seus “prodígios, e maravilhas” (GUSMÃO, 1734).

O prólogo também informa que Gusmão havia nascido em Lisboa, aos 14 de agosto de 1629, batizado na Igreja de São Julião; mudando-se para o Rio de Janeiro com os pais, ingressara na Companhia de Jesus em 27 de outubro de 1646, iniciando sua carreira na ordem de S. Inácio, onde foi mestre de noviços, reitor do Colégio do Espírito Santo, do Seminário de Belém e do Colégio da Bahia, além de duas vezes ter sido Provincial da Companhia na América Portuguesa. Afirma-se ter sido Gusmão autor de livros de preces e devoções. Não há menção de que tenha retornado a Portugal – o que se menciona, com ênfase, foi o constante esforço “de se empregar no serviço de Deos, e em bem das Almas” (GUSMÃO, 1734) até sua morte, aos 14 de março de 1724, com 95 anos de idade e 78 de Companhia.

Mesmo que se desconsidere o teor encomiástico do paratexto mencionado, inscrito em tentativas de canonização de Gusmão (não logradas), é de se notar a atuação de um jesuíta português em cargos de relevância para a Companhia de Jesus, especialmente no tocante ao ensino de brasílicos. Sabe-se, por exemplo, que o Colégio da Bahia, cujo cargo de reitoria foi ocupado por Gusmão em 1681, era conhecido pela formação de letrados. Outros colégios onde Gusmão trabalhou, os de Santos, Rio de Janeiro e Espírito Santo, também eram referências de ensino na América. O próprio Seminário de Belém da Cachoeira, edificado por Gusmão antes das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, por ser remoto dos grandes centros, não deixou de formar nomes ilustres para a política e para a ciência luso-brasileiras, como o homônimo Alexandre de Gusmão (1695-1753), secretário de D. João V e um dos responsáveis pelo Tratado de Madri; e o inventor da passarola, Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724).

Além do papel educacional que Alexandre de Gusmão, o jesuíta, desempenhou na América Portuguesa entre fins do Seiscentos e inícios do Setecentos, note-se o número de seus escritos, tipografados em Portugal em tempo onde a angariação de licenças era processo variado e moroso: *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Prezepio* (1678); *Historia do Predestinado Peregrino, e sev Irmão Precito* (1682); *Arte de crear bem os Filhos na Idade da Puericia* (1685); *Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos* (1686); *Meditações para Todos os Dias da Semana, pelo Exercício das Tres Potencias da Alma* (1689); *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron* (1715); *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720); *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* (1734) e *Arvore da Vida, Jesus Crucificado* (1734).

Nas últimas décadas, procurou-se resgatar Gusmão do silêncio que o envolvia no interior de investigações universitárias. Nas áreas de história e de educação, ressaltam-se as pesquisas de Lais Viena de Souza (2008), versada nas práticas educativas que permearam os escritos de Gusmão e a edificação de seu Seminário; de Vanessa Freitag Araújo (2010), centrada na concepção pedagógica de Gusmão a partir de alguns de seus escritos; de Fábio Falcão Oliveira (2014), tendo por tema a edificação do Seminário de Cachoeira enquanto caso elucidativo da educação jesuítica colonial; de Alfredo Pinto da Silva Júnior (2016), também voltada para a construção do Seminário.

Há de se destacar, ainda, a edição atualizada de *Historia do Predestinado*, organizada por Marina Massimi (2012). Nos estudos literários, por sua vez, encontram-se as contribuições de Zulmira Santos (2004), acerca da emblemática em *Historia do Predestinado*; a tese de doutoramento de César Miranda de Freitas (2011), sobre a totalidade da obra de Gusmão, desde seu Seminário a seus impressos; a tese de doutoramento de Sara Augusto (2010), em que *Historia do Predestinado* integra o *corpus* de investigação da pesquisadora.

Não obstante as pesquisas mencionadas acima tenham se detido na produção gusmaniana, poucas se centraram nos preceitos reguladores de seus escritos. Desse modo, afigurou-se necessária, em minha dissertação de mestrado (SILVA, 2023), uma leitura que examinasse os gêneros dos impressos do jesuíta, suas finalidades, suas tópicas, a disposição de seus raciocínios, os ornamentos de sua argumentação, os meios por que se persuadiam seus leitores ou ouvintes. Pois, se hoje estes escritos permanecem no ostracismo do cânone literário – talvez devido à grande dose de doutrina que apresentam –, à época de Gusmão eles participavam de sua atuação não só enquanto religioso, partícipe da manutenção da ordem

inaciana na América, mas enquanto letrado, cujas diferentes obras destinavam-se a um auditório amplo e regulavam-se por diversos parâmetros retóricos, poéticos, teológicos e políticos compartilhados aquém e além-mar.

Neste artigo, portanto, proponho a recuperação da dimensão letrada da obra de Gusmão, considerando seus aspectos retóricos, relativos à matéria de sua invenção (*inventio*), à disposição de seus assuntos (*dispositio*) e ao modo de dizê-los (*elocutio*). Haja vista que os impressos de Gusmão circulavam na América Portuguesa e participavam, ao mesmo tempo, de tradições letradas que percorriam a Península Ibérica e suas colônias, este artigo buscará traçar possíveis diálogos entre Gusmão, seus contemporâneos e suas prováveis fontes de imitação. Devido aos limites deste texto, contudo, deter-me-ei apenas nos opúsculos considerados como *tratados*.

“Dissertação, lançada em papel sobre algũa *materia*” (BLUTEAU, 1728, v. 8: 257), tratado é gênero genérico, aplicável a discussões dos mais diferentes tempos, conhecimentos e temas. De intrincadas polêmicas filosóficas, passando por discussões teóricas e por defesas poéticas, retóricas, teológicas, morais, entre tantas áreas, tratado é gênero que, em si, abarca outros subgêneros, especulativos ou não. Do explicitado por Gusmão, seis de seus impressos são-lhe considerados tratados: *Escola de Bethlem*; *Arte de crear bem os Filhos*; *Rosa de Nazareth*; *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno*; *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé*; *Arvore da Vida, Jesus Crucificado*. Sigamos por cada um deles.

Escola

Dada a semelhança sonora entre *Escola de Bethlem* e Seminário de Belém, edificado por Gusmão a partir de 1686 em Belém da Cachoeira (BA), aventam-se a possibilidade deste impresso consistir em uma defesa à futura construção do Seminário, ou, no mínimo, em uma demonstração de seus princípios e lições, complementando-se posteriormente com *Arte de crear bem os Filhos*, direcionado a pais de meninos, a mestres e pedagogos.

Em *Escola de Bethlem* (1678), Gusmão afirma: “Esta consideração, que retardou aos demais, me estimulou a mim para fazer este tratado; porque he bem, que o Mysterio, em que Deos assi se manifestou aos homens, se manifeste por todos os modos, que são possíveis ao

engenho humano” (GUSMÃO, 1678: n. p.). Esta citação consta no Prólogo, após a gravura em metal, atribuída ao luxemburguês Richard Collin e disposta no frontispício do impresso (imagem 1). Na gravura, tem-se a cena da Natividade, interpretada, glosada e moralizada ao longo de mais de trezentas páginas do opúsculo gusmaniano.

No Prólogo, argumenta o jesuíta que a matéria do nascimento de Jesus, de tão engrandecida, não se comparava com o “humilde estilo” de sua escrita, bastando-lhe “só o pasmo, só a admiração”. Do mudo estupor provocado pela Natividade, Gusmão conclui que o mistério havia de manifestar-se *por todos os modos*, incluindo o da palavra pedagógica, doutrinária, moralizante: “porque este estilo pede o nome de Escola, com que sae” (GUSMÃO, 1678).

Imagem 1: Gravura em metal atribuída a Richard Collin e disposta na primeira impressão de *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Prezepio* (1678)



Fonte: GUSMÃO, 1678, Frontispício.

Escola é espaço físico, com suas classes, carteiras, livros, professores e alunos. Em Gusmão, enquanto subgênero do *tratado, escola* encerra uma série de significados, indicando o objetivo propedêutico da obra; o papel do *ethos* discursivo de ensinar a outrem em posição assimétrica de conhecimento; o estilo de escrita, simples para que todos entendessem, figurada para que por meio das apreensões sensoriais se atingisse a abstração. Sobretudo, *escola* ditava a divisão do opúsculo em *classes*, multiplicadas em *lições* que, por sua vez, eram comprovadas por *documentos*.

No interior da *Escola* de Gusmão, as *classes* correspondiam aos três níveis de perfeição espiritual (incipiente, proficiente e perfeito), as *lições* mimetizavam os tópicos de cada aula e os *documentos* construía e confirmavam os ensinamentos. Assim, a noção de *escola* organiza a totalidade do *tratado* em questão, contemplando sua matéria, sua disposição, todas as partes de seu discurso.

Vista desse ângulo, *escola* adquire um estatuto de subgênero dentro da tratadística espiritual de Gusmão, considerando que, à sua época, outras *escolas* vigoraram: *Escola de Penitencia, e Flagello de Viciosos Costumes*, 1687, de fr. Antônio das Chagas; *Escola da Doutrina Christã*, 1688, do jesuíta João da Fonseca; *Escola de Bem Morrer, aberta a todos os Christãos, & particularmente aos Moradores da Bahia*, 1701, do jesuíta Antônio Maria Bonucci; *Escola Decurial de Varias liçoens*, 1696-1707, de fr. Fradique Espínola.

Isto sem arrolar outros gêneros de espiritualidade e moralidade, não intitulados escolas mas próximos a elas, como os abecedários espirituais, que ganharam amplitude no Quinhentos com Francisco de Osuna; as lições para bem morrer, praticadas, por exemplo, por Alonso de Andrade, jesuíta citado por Gusmão; as regras, os espelhos, orações, colóquios, manuais, entre outros gêneros amalgamados na obra de Ludovico Blosio, autor também de crônicas citadas na *Escola* de Gusmão; trabalhos, como os *Trabalhos de Jesus*, atribuídos por Gusmão a um certo Quintanoduenhas, de referencialidade que me é desconhecida, mas que podia remeter aos trabalhos escritos por fr. Tomé de Jesus durante sua prisão no Marrocos.

Faço estas menções para corroborar a ideia de que a *Escola* de Gusmão, assim como outros de seus tratados, é gênero variado, que carrega em si outros subgêneros – sejam eles poéticos, retóricos, históricos, cronísticos, teologais, morais, emblemáticos, iconográficos – funcionando quase como uma miscelânea de citações cujo arranjo é o que define sua unidade. A atividade de dispor citações, à época do jesuíta, indicava presença de engenho: a *inventio* não

implicava propriamente o exercício de criar, mas o de encontrar; a *dispositio* requeria a prudência de adequarem-se os conceitos das autoridades às particularidades do tempo, do *kairós*. Noutros termos, em *Escola* a variedade de citações, referenciadas dentro da página e às suas marginais, era admissível, prevista, decorosa e até necessária. Se tratado era gênero vasto, *escola* também o era, cabendo à *persona* discursiva, professoral, efetuar o objetivo precípua do modelo-mestre dos retóricos, Quintiliano, de aproveitar a doutrina variando-a e, pela variação, conferir a ela deleite.

Arte

Semelhantes considerações em relação à *Escola* de Gusmão estendem-se também ao segundo de seus tratados, *Arte de criar bem os Filhos*, de 1685. Sendo *escola* termo vasto, *arte* o era ainda mais: basta pensarmos em títulos tão distantes quanto a *Ars Amatoria*, de Ovídio, e a *Perola Preciosa, e Arte para servir a Deos*, de Jacome Carvalho. Em ambos, contudo, aparece ao menos um elemento comum, o de conduzir o comportamento do leitor ou ouvinte a como agir.

Para entendermos a noção de *arte* em Gusmão, voltemo-nos às palavras do jesuíta: “*ESTE Tratado, em que pretendo com vosso favor [do Menino de Belém] formar hum perfeito minino, para que nos annos de Adolescencia chegue a ser hum perfeito mancebo*” (GUSMÃO, 1685). Tem-se aqui a relação do gênero *tratado* com a prática do viver, com a experiência, portanto. Experiência validada perante a ciência da questão, dos erros e acertos acarretados pela boa ou má educação dos pueris: “porque me resolvi a fazer este Tratado, que intitulo, *Arte de criar bem os filhos na idade da Puericia*, para que os pays de familias saibam a obrigaçam, que tem de os crear, & saibam tambem como o ham de fazer com acerto” (GUSMÃO, 1685). Daí o presente *tratado* aproximar-se de um *memorial de conselhos*, expressão retirada por Gusmão de uma passagem bíblica narrada no Livro de Tobias, quando os pais de Sara a entregam ao marido com o dote e com “hum memorial de conselhos, de como avia de governar sua casa, amar seu esposo, & crear bem seus filhos” (GUSMÃO, 1685).

A divisão de *Arte de criar bem os Filhos* obedece a duas partes, uma teórica, em que se trata da importância da boa criação de meninos, e outra prática, “da fôrma, em que os devem crear seus pays, & mestres” (GUSMÃO, 1685). É nesta divisão que o *tratado* estabelece-se como

arte, participando a *arte* essencialmente do domínio humano de aperfeiçoamento da natureza. *Arte*, para Gusmão, era o que conferia valor ao diamante e à esmeralda, metáforas pétreas para a rudeza da idade da puerícia, aprimorada com o polimento da educação: “As pedras preciosas nam nascem logo com o resplendor, que a arte lhes comunica; o diamante, & a esmeralda, que sam pedras de maior valor, á força do braço se pulem, ao poder da industria se lavram” (GUSMÃO, 1682: 14).

No Prólogo, Gusmão evidencia as autoridades que imitou, com destaque para suas fontes antigas: Platão, Plutarco e Aristóteles são os nomes principais. Platão em sua *República*; Plutarco em *Da Educação das Crianças*; Aristóteles em sua *Política*, além de: Quintiliano, Sêneca, Homero, Virgílio, Juvenal, Xenofonte, Valeriano Máximo, Cícero, Horácio etc. A partir desses autores, principalmente de Plutarco, de onde Gusmão reproduz diversos *exempla*, o jesuíta tecerá considerações atualizadas às preocupações pós-tridentinas e relacionadas aos costumes dos brasílicos, prescrevendo cuidados com a amamentação, com as companhias e com os jogos das crianças. Na esfera católica, Gusmão cita suas referências basilares: Jerônimo, Ambrósio, Crisóstomo, Basílio e Bernardo, sem falar em Tomás de Aquino e Clemente de Alexandria, ou em São Paulo e Agostinho, estes dois últimos constantemente citados, ao longo do tratado, em suas epístolas e títulos tais como as *Confissões*, a *Cidade de Deus* e o *De Moribus Ecclesiae Catholicae*.

O que Gusmão não explicita, mas demonstra no interior de *Arte de criar bem os Filhos*, é valer-se de autoridades que lhe eram (quase) “modernas”: Martin Del Rio, Gonçalo da Silveira, Ribadeneira, Drexélio, Bellarmino, Cipriano Soares e até Petrarca. Outra citação digna de nota é a menção ao inédito *Menino Cristão*, opúsculo escrito por Gusmão e direcionado, ao que tudo indica, não aos pais, mas propriamente aos meninos: “O que estes [os meninos] devaõ fazer neste particular, diremos no segundo Tomo do Minino Christam, se Deos for servido, que saya a luz” (GUSMÃO, 1682: 302).

Se *escola* encenava a alegoria de um espaço pedagógico e propedêutico, *arte* também se mantém no campo dos costumes e moralidades, porém ganha um tom mais sério, menos exclamativo e florido, uma vez voltado para pais e mestres em suas tarefas de educação de jovens, cuja matéria ganha outra divisão, menos alegórica, mais direta e, ao mesmo tempo, mais permeada e tecida de referências explícitas.

Rosa

Talvez o mais variado dos impressos de Gusmão, Rosa de Nazareth (1715) acomoda um episódio bíblico, o da visita da Virgem à casa de Isabel e Zacarias, às circunstâncias da ordem de Loyola, alegorizando a Companhia de Jesus como casa consagrada pela Virgem devido às suas testemunhadas aparições e milagres, desde a feitura dos Exercícios Espirituais, atribuídos à inspiração da santa, a visões santificantes de jesuítas, de padres gerais a coadjutores e noviços da ordem, espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Japão, China, Etiópia, Filipinas, México, França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Portugal, Brasil, Paraguai: a geografia de Rosa de Nazareth, em suas quatro partes, traça o percurso globalizador da Companhia de Jesus, acumulando casos de dificuldades por mar, por terra e por alma, casos de naufrágio, de canibalismo, de tentações de demônios, de angústias internas. Além de visões contemplativas, sobejam menções a imagens da Virgem, de suas estátuas e quadros que mexiam os olhos, emanavam odores, falavam aos fiéis, antecipavam a data da morte ou asseguravam a predestinação da graça da alma. Nenhum milagre havendo, porém, sem merecimento: epidítico que louva a Virgem, o discurso de Gusmão também encerra louvores aos jesuítas cujos milagres assistidos comprovavam a virtude de quem os merecera.

Quanto às fontes de Rosa de Nazareth, Gusmão as esclarece diretamente ao fim do impresso, ao último fólio, afirmando ter-se valido de tratados, crônicas, cartas ânuas, histórias da Companhia de Jesus, nomeadamente as de Nicolau Orlandino, Francisco Sachino, Eusébio de Nieremberg, Alonso de Andrade, Francisco Bencio e João Nadasi, entre outros nomes que aparecem ao longo das marginais do opúsculo, sem outra pretensão, afirma Gusmão, que a de reunir as autoridades em *“hũa narração simplez, que tem os livros donde tudo recolhi neste Tratado, a fim de animar os nossos Religiosos, & servir a esta Senhora, & a estender no mundo sua devoção”* (GUSMÃO, 1715).

Enquanto tratado, Rosa de Nazareth não se encaixa no gênero das vidas, mas bebe dessa tradição, ao retirar delas episódios notáveis de milagres, martírios e ardentes devoções, além de imitá-las na variedade das narrações. Enquanto nas vidas costuma-se alongar lugares comuns ético-cristãos relacionados a tópicos de origem, de virtuosidade vislumbrada desde a infância, de constância do caráter comprovada desde o nascimento até a morte, em Rosa de Nazareth estas tópicos são reduzidas em episódios breves.

Consideradas tais diferenças, Rosa de Nazareth mantém diálogo com os feitos de varões ilustres da Companhia, variados como os astros do firmamento – para citarmos diretamente o Firmamento Religioso de Luzidos Astros (1644), de Eusebio Nieremberg, cuja decomposição do firmamento religioso serviu-lhe de metáfora para louvor e defesa da ordem de Loyola, bem como o fez Gusmão em sua Rosa. No âmbito das metáforas botânicas, vejam-se os muitos tomos de Nova Floresta, de Manuel Bernardes, coleção de apotegmas morais que exercitam as etopeias de múltiplas personagens, e as Rosas do Japam, Candidas Açucenas, e Ramalhetes de Fragrantes, & Peregrinas Flores (1709), de fr. Agostinho de Santa Maria, onde se leem as peripécias de D. Julia Nayto, Luzia da Cruz, Thecla Ignacia e suas companheiras, caracterizadas como heroínas japoas, diante das penas enfrentadas pelo desterro de Meaco às Filipinas: cada rosa correspondendo, portanto, à vida de uma beata.

Não obstante Gusmão não o cite diretamente, as aproximações com a obra de fr. Agostinho de Santa Maria oferecem terreno largo de análise, sobretudo pela prática de gêneros espirituais variados, conforme temos visto em Gusmão e conforme se depreende da vasta bibliografia de fr. Agostinho, distribuída em meditações, novenas, compêndios, exames, vidas, exercícios, guias para confessores e toda espécie de cristãos, traduções de tratados escritos originalmente em latim e italiano. Isto para falarmos dos Santuários Marianos, que alcançaram a tipografia de dez tomos com suas histórias, descrições e louvores a imagens sagradas da Virgem Maria, encontradas em Portugal (Lisboa, Guarda, Lamego, Leiria, Portalegre, Crato, Tomar, Braga, Porto, Viseu, Miranda, Évora, Algarve, Elvas), Índia Oriental, Ásia insular, África, Filipinas, Brasil (Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Maranhão e Grão Pará, Rio de Janeiro, Minas Gerais) e ilhas de Cabo Verde e Madeira. Por esta imensa geografia, correspondente aos alcances marítimos e territoriais do domínio português, a Virgem divide-se também em muitas: Nossa Senhora das Angústias, da Ajuda, do Firmamento, das Neves, da Boa Viagem, do Rosário, de Nazaré, de Belém, da Ave Maria, da Boa Morte, da Conceição, dos Brancos, dos Pretos, dos Remédios, das Chagas, da Aflição, do Desterro etc.

Por vezes estas santas encontravam-se: como no caso da Senhora de Nazaré, que transpôs as montanhas de Hebron para chegar em Belém dos trópicos, Belém da Cachoeira, onde numerosa gente concorria a desfrutar-lhe os milagres, especialmente durante as festividades de Deus menino:

He esta Santissima Imagem muyto venerada; he de escultura de madeyra. A sua estatura he de uma perfeytissima mulher. Está de joelhos com as mãos levantadas, & os olhos postos no Santissimo Filho Menino, que está reclinado em hum berço, ou como presepio: & com tão grande affecto se mostra para com o soberano Filho, a quem adora, que arrebatava os corações (SANTA MARIA, 1722: 226).

Nossa Senhora de Belém da Cachoeira integra o ramallete que metaforiza a obra de Gusmão, conectada aos quatro cantos do mundo com suas pétalas desdobradas em gêneros misturados, retóricos, poéticos, históricos, devocionais, emblemáticos e alegóricos, em suas imagens esculpidas, pintadas, descritas, louvadas, vistas, lidas e fantasiadas. Costurado pelos desdobramentos do Concílio Tridentino e pelas demandas da (e à) Companhia de Jesus em fins do século XVII e em todo o transcurso do XVIII, o estatuto da imagem, em Gusmão, encontra subsídio na aproximação entre pintura e teologia, *ut theologia pictura*, pondo diante dos olhos a doutrina visível e evidente, clara em sua exegese, decomposta em sua doutrina, subordinada em sua agudeza, proveitosa em sua curiosidade e útil em seu passatempo.

Eleição

Nesta senda, *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* também é classificado por Gusmão enquanto um tratado, conquanto proferido não por um padre a fundar um Seminário, nem por um preceptor a afligir-se com o futuro de seus noviços, mas sim por uma autoridade, quase quarenta anos depois de *Escola de Bethlem* e de *Arte de crear bem os Filhos*, já conhecida nas letras doutrinárias luso-brasileiras, cuja idade e posição permitiam-lhe estender os intuítos instrutivos dos primeiros opúsculos a considerações acerca do pós-morte.

Para Gusmão – ele já o adiantara em *Historia do Predestinado* (1682)– haveria apenas dois destinos: o bem e o mal, ou o céu e o inferno, sendo o purgatório lugar de transição, não de eternidade. Esta conclusão, o jesuíta explicita-a em 1720, aos mais de noventa anos, idade que lhe permitiu assumir o *ethos* de alguém no fim da vida, com o acúmulo das experiências vividas: “vosso he, & não meu este Tratado, O JESUS Minino de Belem, que nos ultimos dias de minha vida, escrevi junto ao vosso Presepio, neste Seminario de Belem” (GUSMÃO, 1720). Como em *Escola de Bethlem*, em *Eleyçam* tem-se a dedicatória direcionada para o menino Deus, de juventude contrastada à velhice de Gusmão, o qual se vale do tópico da *imitatio vitae* para adequar sua *persona* retórica à matéria do discurso. Experiente, preceptor de larga vida,

conhecedor do mundo e de suas mazelas, o *ethos* forjado por Gusmão não mais escreve em meio às turbulências da fundação de seu Seminário, mas sim compõe sua *Eleyçam* na estabilidade de sua edificação (quase) finalizada, no interior do presépio de Belém, Belém da Cachoeira.

Em *Eleyçam* Gusmão já não cumpre apenas a função de espectral gravuras e descrever emblemas, mas entra na cena e compõe o cenário, não só assistindo como também participando do que vê. Neste tratado, o inácio explicita o raciocínio alegórico-exegético disseminado em toda sua obra, utilizando as palavras *tipo*, *antitipo* e *figura*:

segue, q assim como tudo o que hum, & outro Jesus dictou, se attribue ao Antitypo, ou figurado Jesus, assim tudo quanto se diz neste Tratado se deve attribuir ao verdadeyro, & figurado JESUS; porque tudo quanto nelle se contem, se funda na sentença de hum, & outro Jesus; porque tudo vem a fechar na eleyção, que nos manda fazer entre o bem, & mal eterno na figura dos dous encontrados elementos fogo, & agua (GUSMÃO, 1720).

Ao referir-se a Jesus de Sirach, a quem se atribui o Livro do Eclesiástico, Gusmão aproveita a circunstância da homonímia para aproximar os tempos e os Testamentos, considerando Jesus do livro sapiencial enquanto alegoria de Jesus messiânico. Ambos, Jesus e Jesus, falavam por sentenças. Em *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno*, a sentença fundadora, que poderia ser vista como um conceito predicável do impresso, é retirada de Eclesiástico 15, 17: “Ele pôs diante de ti a água e o fogo; / lança a tua mão ao que quiseres”. A partir dessa passagem, todo o tratado transcorrerá, dividido nas *eleições* que diferem os prazeres celestiais dos horrores infernais; nos *passos* que aconselham a como se afastar do inferno e alcançar o céu; nos *documentos* onde se comprovam as *eleições* e os *passos* com passagens das Escrituras, com exemplos de beatos, santos e mártires, com pareceres direcionados às práticas comuns de receber os sacramentos, de casar-se ou de assumir a vida religiosa, de educar os filhos, de gastar o tempo.

Tal divisão obedece à dicotomia entre duas escolhas que, no fundo, reduzem-se somente a uma, a da salvação da alma. Assim disposto, o presente tratado de Gusmão define-se enquanto *eleição*, palavra que delimita seus objetivos como substantivo eivado de ação. Afinal, para se chegar a uma *eleição*, todo um caminho de escolhas devia ser conhecido, percorrido, traçado: conhecido pelo entendimento, percorrido pela experiência, traçado pelo entendimento experiente. Neste sentido é que fr. Inácio de Santa Maria, em uma das licenças que permitiram a

impressão do opúsculo, comenta ser *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* um método claro e conciso, “melhor que os Nauticos nas suas cartas a derrota, que deviaõ, & devem seguir, ou os passos, que devem dar no caminho da sua salvaçaõ” (GUSMÃO, 1720, Licenças do Santo Officio).

Tratado de navegação para a alma em sua peregrinação pela terra, *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* oferecia o compasso ao leitor e o ensinava a manuseá-lo, mas não ultrapassava a efetivação da escolha. Noutros termos, *eleição* era atividade que devia empreender-se após a leitura: vocábulo emprestado do jargão político, *eleição*, aqui, dizia respeito ao ato de fazer escolhas pessoais, particulares, tomadas com prudência e ciência. Em suma, *eleição*, em tempo pós-tridentino, implicava a aplicação do livre-arbítrio e a valorização dos feitos do fiel para obtenção e efetivação da graça divina.

Prova de que *eleição* também cumpria as vezes de um subgênero do tratado em meio às letras gusmanianas, é a afirmação de que o título se conformava ao estilo do impresso: “E não deve ser outro o estilo deste, que te ofereço, por ser conforme ao título de *Eleyçaõ entre o bem, & mal eterno*” (GUSMÃO, 1720). Talvez a experiência do *ethos* autorizava-se por si, talvez a praticidade das ações a serem escolhidas não demandava tamanhas referências: de toda forma, observa-se, em comparação aos tratados anteriores, que, em *Eleyçam*, Gusmão restringe suas marginais basicamente à referencialidade bíblica, permanecendo implícitas outras referências, encontradas em seus anteriores tratados ou sugeridas aqui e acolá: “E se quizeres outros sinais para vosso desengano mais meudos, lede o livro, que intitulaõ: *Guia para tirar as almas do caminho espaçozo da perdiçaõ*, que de francez traduzio em Portuguez o Padre Francisco de Mattos da Companhia de JESU” (GUSMÃO, 1720: 317).

Ora, Francisco de Mattos (1636-1720) trilhou caminho parecido ao de Gusmão dentro da ordem de Loyola: também mudou-se de Portugal à América ainda jovem, instruiu-se nas instituições americanas e galgou cargos importantes como os de reitor do Colégio da Bahia e de Provincial da Companhia no Brasil. Além de conhecido mestre de noviços, Francisco de Mattos teve larga produção sermonística impressa em Portugal, sem falar de outros gêneros espirituais, como vidas, meditações e tratados de cunho exegético. Portanto, não era despicienda a citação de Gusmão a Mattos, ambos autoridades coevas e representativas da Companhia de Jesus na virada para o Setecentos.

Assim como Antônio Maria Bonucci (1651-1729) traduzira *Escola de Bethlem* ao italiano², Francisco de Mattos também praticou a atividade de tradução que possibilitava, dentro da multilíngue ordem de Inácio, criar uma rede de notícias, de conhecimentos e de obras entre os jesuítas de diferentes origens e localizações. Daí a tradução de Francisco de Mattos a *Le Grand Chemin qui perd le Monde. Come on y entre, comme on en sort, et comme on passe dans le chemin plus estroit qui nous mene à la vraye vie*, 1646, de Julien Hayneufve (1588-1663), inaciano que também se dedicou a meditações da vida de Cristo e a tratados acerca das três vias espirituais, purgativa, unitiva e iluminativa.

Ou seja, ao aventar o nome de Francisco de Mattos, Gusmão resgatava não só Hayneufve, mas toda uma tradição de produção jesuítica letrada e espiritual de que o próprio Gusmão participava, construída por traduções, citações, imitações e trocas interatlânticas de idiomas e livros. Ainda na esteira do pe. Mattos, Gusmão esclarece o motivo da citação ao Guía para tirar as Almas: “o qual todo se comprehende neste Syllogismo: / Andar pelo caminho espaçozo / da perdição, he viver segundo / os appetites da carne. Vòs viveis assim, ou tedes razões, para cuydar, que assim viveis. Logo tendes razão para cuydar, que hides pelo caminho largo da perdição” (GUSMÃO, 1720: 317-318).

A *eleição* não deixava de ser, em suma, um silogismo esmiuçado, amplificado, expandido: como um guia, a *eleição* pressupunha um movimento último situado além do livro e após a leitura. Tratava-se da conclusão do entimema, obtida pela comparação de si com o espelho debuxado em letra, terminada quase sempre em descontentença do caminho que se levava e, assim, em mudança do presente projetada ao futuro.

À maneira de hieroglíficos: corvo e pomba

Em *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé e Arvore da Vida, Jesus Crucificado*, ambos impressos póstumos de 1734, observa-se um mesmo procedimento alegórico e exegético: a partir das imagens do corvo e da pomba, além da árvore em sua inteireza das raízes até as flores, uma série de significações morais e de interpretações bíblicas são encadeadas e acumuladas

² Scuola di Betlemme aperta da Giesu Bambino nel presepio, *descritta in lingua Portoghese dal P. Alessandro di Gusmano; e tradotta nell'Italiana dal P. Antonmaria Bonucci* (1714). Roma: Bernabò. Esta referência consta na tese de Freitas (2011).

capítulo após capítulo. Decompostos e amplificados em pequenas e esmiuçadas partes, o corvo e a pomba funcionam para Gusmão como espécies de hieroglíficos de onde proliferam leituras.

A disposição de *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* tem duas grandes frentes, alegoria e moralidade, sendo a primeira principalmente pautada por relações entre textos bíblicos e interpretações atestadas pelos Padres e Doutores da Igreja, e a segunda direcionada para acomodações das alegorias aos costumes do fiel. Teoria e prática, mais uma vez. No Prólogo, Gusmão evidencia a passagem bíblica de Gênesis 8, a qual fornece o conceito predicado ao longo do impresso:

Para desengano, se as aguas tinhaõ cessado, lançou Noè da Arca hum Corvo, o qual não tornou: lançou logo huma Pomba, a qual tornou para a Arca. Tornou segunda vez a lançar a Pomba, a qual tornou com hum ramo de oliveira no bico. Tudo foy disposição Divina, que podendo desenganar a Noè por via de hum Anjo, quis que fosse por meyo das duas aves, pelo mysterio, que representavaõ; e este he o principal objecto deste Tratado (GUSMÃO, 1734).

No excerto transcrito acima, “desengano” e “desenganar” obedecem a dois agentes: o primeiro, Noé, homem que age para desenganar-se; o segundo, Deus, que sinaliza o desengano a Noé por meio da pomba e do corvo. Mudos, a pomba e o corvo não quebram as barreiras da lógica humana, não proferem conselhos como nos colóquios das *Aves Illustradas* (1734) da soror Maria do Céu. Mudos, eles presentificam-se e repetem-se aos olhos dos leitores, *como se* falassem pela brancura ou escurecimento das penas, pelo movimento da cabeça para cima ou para baixo, pelo modo de cuidar dos filhotes e pelo som assemelhado aos hábitos dos homens: o gemer, *nunc*, e o grasnar, *cras*.

Daí ser a pomba alegoria de Cristo, da amada do Cântico dos Cânticos, de Jó e do Espírito Santo, moralizando ações dos penitentes e piedosos, dos Predestinados e dos justos, dos bons pais, filhos, esposas e religiosos. Daí ser o corvo *figura* de Judas e dos injustos, dos murmuradores e dos Precitos, mas ajudante do profeta Elias e de Paulo, defensor de São Vicente em seu caminho a Lisboa e alegoria de Cristo em sua segunda vinda ao mundo: como hieroglífico de múltiplos significados, o corvo ganha variações díspares.

Mesmo assim, o que predomina neste tratado é a identificação dos hábitos do corvo com o pecado e os da pomba com a virtude, em chave católica pós-tridentina. Para tal, arrolam-se referências que em outros impressos do jesuíta não aparecem e que, justamente por isso,

constroem a singularidade do tratado em questão. Chama-se atenção para Aristotéles em sua *Historia Animalium*; para Ulisse Aldrovandi em *De Avibus Historiae*; para Cornélio a Lápide em seus comentários às Escrituras; para o “Autor das Alegorias”, que tudo leva a crer ser Jerônimo Lauretano em sua *Sylva Allegoriarum*; além de outras antonomásias, como “Um Político”, em referência a Saavedra Fajardo, e “O Mestre das sentenças”, provavelmente Pedro Lombardo. Dessas referências, observam-se ao menos dois aspectos na seleção das autoridades: a relação com a história natural, que no horizonte de Gusmão se conectava com a grande área da filosofia, sobretudo da filosofia moral; e a utilização de obras de caráter miscelânico, *florestas* variadas em exegeses, interpretações, emblemas, sentenças – obras auxiliares na atividade de encontrar argumentos e de autorizar o discurso.

Em visada minuciosa que congela a passagem bíblica de Noé como em quadro, Gusmão amplia o detalhe para tirar da cena sua doutrina generalizada: das penas das aves, de seus gemidos e grasnados, dos modos de seus voos e das direções de seus olhares, tudo é amplificado, alegorizado e moralizado pelo que prega. Pintor-pregador, ou pregador-pintor, neste tratado Gusmão a observação e a interpretação do que internamente se está na *idea*, desenhada externamente com o acúmulo de citações, referencialidades e comentários que contornam e colorem as lições espirituais. Diferentemente dos tratados anteriores, não temos aqui a afirmação de um subgênero específico, sim o binômio do corvo e da pomba que conduz a argumentação por seus aspectos naturais, morais, alegóricos, ascéticos. Como já disse, este recurso argumentativo é similar em *Arvore da Vida, Jesus Crucificado*, também de 1734.

Árvore

Em *Arvore da Vida* (1734), não há propriamente a binomia estruturante de *O Corvo, e a Pomba*, mas há a decomposição e enumeração das partes de uma imagem, de um elemento da natureza descrito, interpretado e cristianizado enquanto *figura* exegética e representativa: “Mas seja o que for da figura; he certo que na figurada Arvore da vida tudo, quanto nella se vê, tem virtude” (GUSMÃO, 1734). Gusmão refere-se, aqui, às árvores mencionadas nas duas extremas pontas da Bíblia canônica: em Gênesis 2, quando no Paraíso Terreal é plantada uma árvore ao lado da árvore do bem e do mal, e em Apocalipse 22, quando se revelam árvores sempre frutíferas e com propriedades curativas. Em Gusmão, ambas as passagens interseccionam-se em

Cristo crucificado, o que implica argumento engenhoso, a saber, a obtenção da vida com a morte de Cristo.

Como Gusmão repete constantes e diversas vezes neste opúsculo, apoiado em exegeses autorizadas pela Igreja, o sangue jorrado por Cristo na cruz era tido como fonte de vida para a alma humana, dadas a remissão do pecado original de Adão e a restituição da graça perdida aos homens. A figuração da vida na morte de Cristo crucificado, portanto, não era argumento inédito, sendo sua alegorização praticada pelo menos desde o século XIV, nomeadamente com Ubertino de Casale em *Arbor Vitae Crucifixae Jesu Christi*. Ou, ainda antes, com Boaventura, a quem se atribui um breve tratado intitulado *Árvore da Vida*, traduzido ao português e impresso em Lisboa durante o Quinhentos (BOAVENTURA, 1562).

À semelhança da *escola* que norteava o estilo do impresso por meio da divisão de suas partes em *classes*, *lições* e *documentos*, mimetizando a Natividade como se em sala de aula ocorresse, a *árvore* conduz as partes do discurso e alegoriza o quadro de Cristo crucificado, decompondo-o em cinco: *raiz* e *tronco*; *ramos*; *folhas*; *flores*; *frutos*. De se notar, inicialmente, a ordem visual do tratado em questão, proposto como imagem de detalhes esquadrinhados, cujo todo se repete e se amplifica, continuamente, com a enumeração e a interpretação de suas partes. Por isso não deixava a *árvore* de ser, além de subgênero para a tratadística gusmaniana, um dispositivo de arte mnemônica, por onde a memória percorria seu caminho, a inteligência acomodava-o ao presente da recepção e a vontade completava o circuito da emulação, levada a cabo pelo prazer de imitar:

EIS-AQUI, ò Dolorosissima Senhora, vos offereço neste Tratado a lembrança daquellas dores, que vossos olhos viraõ, e vossa Alma sentio, quando ao pé da Cruz viste vosso Filho, e Senhor Nosso padecer, e morrer. Já esta memoria vos não pôde causar pena pelo lugar da gloria em que estais; pôde porém causarvos gozo pelo que vosso Filho quer, que nos lembremos de sua Cruz. Porque assim como não podendo na gloria haver actos de fé, nem de esperança, pôde haver nos Bemaventurados gozo de nossa fé, e de nossa esperança [...] e por isso me atrevo a representallas a vossos olhos neste Tratado (GUSMÃO, 1734).

Nesta Dedicatória à “Santissima Virgem”, Gusmão esclarece o gênero do tratado e acrescenta outro ponto importante, a saber, o gozo da rememoração. Dispondo o opúsculo diante dos olhos da Virgem, por extensão diante dos olhos dos leitores, a matéria da crucificação de Cristo não causaria completo asco em quem a visse, quando conhecidos os desdobramentos da narrativa bíblica e, mais do que isso, os limites de sua representação. Retomando Antônio

Vieira, o que até se fingia e se imaginava causava horror – aí residia a moção das paixões buscada pela retórica seiscentista ibero-americana, com o desvendamento da cortina a descobrir o corpo chagado de Cristo e a coroar, em seu ápice, o discurso do pregador. Mas, salienta Gusmão ao atualizar este tema de comoção amplamente explorado pela parenética que lhe era coeva, a visão da memória situava-se sempre aquém da visão de experiência sentida na carne dos olhos. Posição aristotélica, sabemos: mesmo nas representações mais doloridas e asquerosas, residiria algum prazer demarcador da imitação, algum deleite que impediria o espectador de mergulhá-la em grau absoluto de ilusão.

O século XVII levava ao máximo o princípio do deleite da imitação; no entanto, para a retórica de Gusmão, o que predomina é o apreço por cenários mimosos, floridos, doutriniais e pedagógicos; por proveito e deleite, em suma. A escolha por matéria de grande comoção, como o era a morte de Cristo, implicava elocução diversa da empregada em *Escola de Bethlem*, elocução condizente para com o sofrimento de um *ethos* trágico, crucificado, humilhado, desprezado e torturado – o que não impediu Gusmão de transpor o universo moralizante das metáforas das flores para a encenação de Cristo na cruz, nem de relacionar, com bastante frequência, os *loci* da Natividade e da Paixão, sob raciocínio exegético que vislumbrava não só prefigurações de Cristo crucificado no Antigo Testamento, como prefigurações de seu nascimento correlato à sua morte.

Em *Arvore da Vida*, esta relação evidencia-se nas numerosas comparações entre o presépio e a cruz, identificados, por exemplo, na passagem em que a tentativa de Hipócrates de reunir uma junta de médicos, a fim de encontrarem um remédio para o mal da ambição, aparece solucionada pela flor de Cristo: “a doutrina, que por toda a sua vida nos ensinou, que começou em Bellem, da cadeira do Prezepio passou para o Calvario na cadeira da Cruz; e assim como no Prezepio, assim na Cruz parece, que não ditta outra sciencia, mais que esta da santa humildade” (GUSMÃO, 1734a: 194).

Na obra espiritual de Gusmão, a vida de Cristo reduz-se a ensinamentos gerais repetidos desde a Natividade até a Paixão. Daí o tom patético (*pathos*) da crucificação de Cristo dar lugar, em *Arvore da Vida*, a um tom predominantemente teologal, preocupado com determinações exatas sobre o dia e a hora em que Cristo morreria – preocupação também latente em padres coetâneos a Gusmão, como Antônio Maria Bonucci em seu *Epitome Chronologico* (1706) –, sobre quais tipos de madeira compunham a cruz (cedro, cipreste, palma e oliveira) ou quais as

propriedades da água que regava a árvore do Paraíso Terreal, não havendo, contudo, qualquer especulação sobre onde este Paraíso se localizava.

“Teólogos ha”, “donde colhem os Theologos”, “he questão gravissima entre os Theologos”: expressões como essas abundam em *Arvore da Vida*, introduzindo nomes como Agostinho, Tomás de Aquino, João Crisóstomo, Boaventura, Cornélio a Lápide, Tirino, Drexélio, Gabriel Vásquez, João de Lugo. O cuidado com discussões teológicas e com polêmicas cruciais ao catolicismo pós-tridentino (predestinação, bem-aventurança, graça santificante, livre-arbítrio, glória eterna etc.), presentes em outros tratados de Gusmão mas predominantes neste em específico, é o que autoriza um censor do Santo Ofício, fr. Thomás de S. Joseph, a qualificar Gusmão enquanto “Theologo consumado”, conhecedor dos “pontos mais profundos da Theologia Especulativa, Expositiva, e Mystica” (GUSMÃO: 1734).

Considerações finais

Neste artigo, ao propor um passeio pela tratadística do padre jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), parcialmente conhecido, hoje, pela fundação do Seminário de Belém da Cachoeira e pelos seus dois principais discípulos (o homônimo Alexandre de Gusmão e Bartolomeu Lourenço de Gusmão), visou-se à recuperação de Gusmão como homem letrado de seu tempo. Enquanto tal, sua obra impressa, destinada a amplo auditório, emulava as mais diversas referências, antigas e modernas, e fazia concorrer, em um mesmo opúsculo, preocupações de ordem teológica e prática, relacionadas à prudência das ações. Hoje, a obra catequética de Gusmão possibilita observarmos a amplitude do conhecimento de um jesuíta no século XVII, ciente de notícias, relatos, narrativas, poesias e imagens produzidas nas quatro partes do mundo. Para além da moralização que esses tratados carregam, suas espécies (escola, arte, rosa, eleição, corvo e pomba, árvore) permitem vislumbrarmos a variedade assumida por um mesmo gênero e praticada por um mesmo autor. Variedade prevista pela retórica e desejável pelo deleite, cuja ausência faz qualquer ensinamento tornar-se seco e amargo, como diria Gracián.

Fontes

- AGOSTINHO DE SANTA MARIA (1722). Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora. Tomo Nono. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram.
- BLUTEAU, Rafael (1728). *Vocabulário Português e Latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus. 8 v.
- BOAVENTURA (1562). *Da perfeição da vida, em que claramente ensina o santo os caminhos para a perfeição, especialmente das pessoas religiosas*. [...] *Árvore da vida, que contém os principais mistérios da vida de nosso Redentor*. [...] *Um breve A. B. C. espiritual, do mesmo santo*. Tradução de Frei Marcos de Lisboa. Lisboa: por Joannes Blauio, 1562.
- GUSMÃO, Alexandre de (1678). *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio*. Dedicado ao Patriarca S. José. Évora: Oficina da Universidade.
- GUSMÃO, Alexandre de (1685). *Arte de criar bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Dedicada ao Menino de Belém, Jesus Nazareno. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.
- GUSMÃO, Alexandre de (1715). *Rosa de Nazaré nas Montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus*. Dedicada à mesma soberana Virgem em sua gloriosa Assunção. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana.
- GUSMÃO, Alexandre de (1720). *Eleição entre o Bem e Mal Eterno*. Lisboa Ocidental: Oficina da Música.
- GUSMÃO, Alexandre de (1734). *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no Sentido Alegórico e Moral*. Lisboa Ocidental: Oficina de Bernardo da Costa.
- GUSMÃO, Alexandre de (1734). *Árvore da Vida, Jesus Crucificado*. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. Sra. Dolorosa ao Pé da Cruz. Lisboa Ocidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Vanessa Freitag (2010). *Educação e Religião na Obra de Alexandre de Gusmão (1629-1724)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- AUGUSTO, Sara (2010). *A alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- FREITAS, César Augusto Martins Miranda de (2011). *Alexandre de Gusmão: da literatura jesuíta de intervenção social*. Tese (Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas). Universidade do Porto, Porto.
- MASSIMI, Marina (Org.) (2012). *A Novela História do Predestinado Peregrino e de seu Irmão Precito (1682)*. São Paulo: Loyola.
- OLIVEIRA, Fábio Falcão (2014). *Educação jesuítica; século XVII: Alexandre de Gusmão e o Seminário de Belém da Cachoeira*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

- SANTOS, Zulmira (2004). Emblemática, memória e esquecimento: a geografia da salvação e da condenação nos caminhos do “prodesse ac delectare” na *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682) de Alexandre de Gusmão SJ [1629-1724]. *Atas do colóquio A Companhia de Jesus na Península Ibérica*. Porto, Ciuhe, p. 581-599.
- SILVA, Isabel Scremin da (2023). *As Voltas do Compasso: um estudo retórico da obra espiritual de Alexandre de Gusmão*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SILVA JÚNIOR, Alfredo Pinto da (2016). *O Seminário de Belém da Cachoeira: Educando os filhos dos principais em "santos e honestos costumes" (1686-1759)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SOUZA, Lais Viena de (2008). *Educados nas Letras e Guardados nos Bons Costumes: os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J. (séculos XVII e XVIII)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador.